

RESUMO EXPANDIDO DE REVISÃO DA LITERATURA**Olhares geracionais: a metodologia qualitativa como análise geracional**

Gabriel Francisco Cabrera de Sá, Doutorando em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá, Brasil

INTRODUÇÃO

O envelhecer é parte do ciclo biológico de qualquer ser vivo; entretanto, a velhice configura-se como uma categoria social historicamente construída, marcada por processos de exclusão e estigmatização que atravessam a experiência das pessoas idosas, sendo produzida em contextos de relações desiguais, nos quais o estigma e a exclusão contribuem para o apagamento de identidades e direitos, evidenciando a dimensão política dessa condição social (Beauvoir, 1990; Kalache; Veras, 2007).

Olhar esses indivíduos por um olhar geracional ocupa um papel estratégico, sobretudo diante de transformações sociais aceleradas que atravessam diferentes grupos etários. Karl Mannheim (1952), traz que a compreensão das gerações não se limita à idade biológica, mas envolve conjunto de experiências sociais compartilhadas. Nesse sentido, compreender conflitos, percepções e valores entre grupos geracionais exige metodologias que captem significados subjetivos e dinâmicas de socialização, ainda sim ele conclui que os métodos necessitavam serem ampliados para discussão das gerações, tornando-se fundamental ampliar pesquisas comparativas que considerem tanto as diferentes gerações que coexistem em um mesmo período histórico quanto aquelas formadas em contextos históricos distintos, com o objetivo de aprofundar a compreensão das polarizações observadas e dos fatores políticos, sociais e econômicos que participam da construção dessas diferenças (Sposito, 2009; Weller, 2009).

Essa reflexão é central para a pesquisa qualitativa e, de modo particular, para estudos que se dedicam à análise geracional, ao trabalhar com entrevistas, narrativas e histórias de vida, o pesquisador não busca comprovar hipóteses por meio de regularidades estatísticas, mas compreender como os sujeitos interpretam sua experiência social. Becker (2022) argumenta que evidências qualitativas têm potência analítica justamente por revelarem processos, sentidos e conflitos que dificilmente seriam captados por métodos padronizados, segundo o autor, boas evidências são aquelas que nos ajudam a responder perguntas sociologicamente relevantes, ainda que não sejam perfeitamente ordenadas ou completas.

No campo dos estudos geracionais, gerações não se expressam apenas por indicadores demográficos, mas por formas específicas de narrar o mundo, interpretar acontecimentos históricos e atribuir sentidos às mudanças sociais, assim, entrevistas qualitativas tornam-se evidências privilegiadas para

compreender como diferentes grupos geracionais percebem fenômenos como trabalho, tecnologia, política, cuidado e envelhecimento.

Nesse contexto, a metodologia qualitativa, especialmente por meio da entrevista, assume papel central na análise geracional, permitindo acessar evidências construídas na fala, na memória e na experiência, reconhecendo que essas dimensões são fundamentais para compreender conflitos intergeracionais, desigualdades sociais e processos de exclusão simbólica, como sugere Becker (2022), o desafio não é eliminar a subjetividade da pesquisa, mas aprender a trabalhar com ela de forma rigorosa e reflexiva.

Dessa forma, este artigo propõe discutir como a metodologia qualitativa pode ser compreendida como uma estratégia de análise geracional, tomando a entrevista como uma grande aliada e escolha como técnica de produção de evidências. Assim, articulam-se contribuições clássicas e contemporâneas sobre gerações, memória e experiência, destacando o potencial das narrativas para compreender transformações sociais e conflitos entre diferentes grupos geracionais.

MÉTODO

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, com fins exploratórios e descritivos, estruturada sob a forma de revisão bibliográfica narrativa. A abordagem qualitativa foi adotada por permitir a compreensão da categoria “gerações” a partir de seus significados, experiências e construções sociais. A busca dos materiais foi realizada em bases acadêmicas como SciELO e Google Scholar, utilizando palavras-chave em português e inglês, tais como: “gerações”, “análise geracional”, “conflitos intergeracionais”, “metodologia qualitativa” e “intergenerational relations”. A estratégia foi orientada e priorizando estudos que articulam teoria geracional e abordagens qualitativas. Foram selecionados artigos e obras relevantes, incluindo autores clássicos e produções recentes, analisados de forma exploratória e interpretativa, com o objetivo de identificar tendências e formas de aplicação da teoria geracional em diferentes contextos sociais.

REVISÃO DE LITERATURA

A compreensão das dinâmicas sociais contemporâneas, bem como a compreensão sociológica e psicológica das gerações, exige uma ruptura com a visão linear e quantitativa do tempo, trata-se de uma categoria analítica que transcende a mera cronologia biológica para se situar como um fenômeno fundamentalmente sociológico e histórico, demandando uma abordagem que privilegie a experiência e o significado atribuído pelos sujeitos à sua trajetória. É neste cenário que a pesquisa qualitativa, e especificamente o uso da entrevista, assume um papel protagonista e atua como o método por excelência para capturar essa complexidade, transformando relatos individuais em evidências robustas sobre a dinâmica social.

Na obra “O problema sociológico das gerações”, estabelecida por Karl Mannheim (1952) e analisada por Weller (2010), a geração não é um dado biológico fixo. Mannheim rompe com a tradição positivista francesa, que buscava explicar as

mudanças sociais através de leis matemáticas baseadas na duração média da vida e na sucessão biológica. A abordagem mannheimiana, influenciada pela corrente histórico-romântica alemã, propõe que a geração se define pela partilha de um "tempo interior" e de uma vivência qualitativa comum.

Weller (2010) esclarece que Mannheim (1952) introduz distinções cruciais para a sociologia do conhecimento: a "posição geracional" (*Generationslagerung*), que oferece apenas a potencialidade da experiência pela localização do indivíduo na estrutura social e histórica; a "conexão geracional" (*Generationszusammenhang*), que envolve o vínculo concreto e a participação num destino comum; e a "unidade geracional" (*Generationseinheit*), que descreve grupos que reagem de forma homogênea a essas experiências, elaborando-as de maneiras distintas e podendo adotar posturas políticas diversas frente ao mesmo contexto histórico.

Para Mannheim, o tempo é vivenciado subjetivamente pelos contemporâneos, essa perspectiva exige que a investigação científica abandone a simples aritmética demográfica em favor de métodos que acessem a "estratificação da experiência". Inclusive, a criação do método documentário de interpretação sugere transcender a pergunta "o quê" para perguntar "como" a realidade social é constituída, buscando o sentido documentário das visões de mundo. Assim, indivíduos inseridos no mesmo recorte histórico podem desenvolver percepções distintas do tempo, evidenciando a existência de múltiplas temporalidades coexistentes no interior de um mesmo período.

A atualidade do pensamento de Mannheim reside na capacidade de fornecer um arcabouço teórico que rejeita o determinismo biológico, é neste ponto que a pesquisa qualitativa se torna indispensável para investigar como a "posição" se transforma em "conexão" e "unidade" através das narrativas de vida. Neste contexto, a entrevista qualitativa não atua apenas como uma ferramenta de coleta, mas como um local de prática social onde o significado é co-construído. A entrevista, portanto, deve ser adaptada ao objeto de estudo para produzir evidências fidedignas.

Frost *et al.* (2020) exemplificam a sofisticação metodológica necessária para gerar evidências válidas sobre gerações através de um protocolo multicomponente. Ao estudar minorias sexuais nos Estados Unidos, abrangendo desde aqueles que viveram a patologização da homossexualidade até a geração que atingiu a maioria num contexto de inclusão legal, os autores utilizam ferramentas como a "linha da vida" (*lifeline*), que permite aos participantes desenharem visualmente suas trajetórias de altos e baixos, e "mapas de identidade", que facilitam a discussão sobre interseccionalidade. Essa abordagem pragmática e construtivista gera narrativas que ancoram eventos específicos dentro do curso de vida do indivíduo, revelando como as mudanças macroestruturais (leis, epidemias, cultura) moldam a subjetividade e validando a premissa de que o contexto histórico forja a consciência geracional.

No caso das dinâmicas familiares, Tamanza e Gennari (2024) propõem a Entrevista Clínica Geracional (CGI), desenhada para avaliar as relações sob a ótica da "generatividade familiar", a CGI inova ao realizar a coleta de dados de forma conjunta com o casal, focando nos vínculos entre origens, pais e filhos. O uso de estímulos visuais, como pinturas de paisagens e cenas familiares, funciona como um dispositivo disparador que enriquece a produção discursiva. Essa metodologia

permite acessar dimensões éticas e afetivas que dificilmente surgiriam em um questionário padronizado, demonstrando que a pesquisa qualitativa cria espaços para a expressão da subjetividade e busca compreender a capacidade dos sujeitos de simbolizarem sua história.

A pesquisa qualitativa no estudo das gerações também se mostra uma ferramenta poderosa para dar voz a grupos marginalizados. Isola (2024) utiliza a história oral para investigar a transmissão intergeracional da desvantagem, identificando o "silêncio" nas narrativas familiares como uma evidência crucial e um elemento de análise central. Em famílias marcadas por históricos de abuso ou exclusão, o silêncio atua como um mecanismo protetivo contra o estigma para a geração anterior, mas paradoxalmente pode aprofundar as desigualdades para as gerações subsequentes, privando-as do conhecimento necessário para compreender sua própria identidade. Ao "dar história" às pessoas, a pesquisa qualitativa converte indivíduos de "outros" silenciados para "atores" capazes de reinterpretar seu passado.

Além disso, a análise geracional deve iluminar as zonas de sombra atentas às intersecções de poder. Motta (2010) critica a invisibilidade dos idosos nas análises sociológicas e feministas, apontando que a violência contra a mulher idosa é um fenômeno que precisa ser compreendido sob a ótica do conflito intergeracional. A autora argumenta que a sociedade capitalista moderna, focada na produtividade, tende a marginalizar a velhice. A violência, muitas vezes perpetrada por familiares no ambiente doméstico, é uma expressão das tensões de poder entre gerações que disputam recursos, ilustrando como a "solidariedade" familiar muitas vezes cede lugar à negligência, exigindo uma articulação entre idade, gênero e classe social para desvelar essas formas ocultas de conflito.

A aplicação rigorosa dessas metodologias qualitativas permite desafiar generalizações teóricas. Ting *et al.* (2018), ao aplicarem a entrevista fenomenológica na Malásia, refutam a universalidade dos rótulos norte-americanos (Baby Boomer, Gen X, Gen Y), justificando que a pesquisa qualitativa é essencial para evitar o imperialismo conceitual e respeitar as especificidades históricas de cada população.

No ambiente organizacional, a pesquisa revela que as diferenças não são apenas etárias, Comazzetto *et al.* (2016) realizam um estudo comparativo através da Análise de Conteúdo entre as gerações nas organizações brasileiras, enquanto os *Baby Boomers* valorizam a estabilidade e a lealdade, a Geração X apresenta uma postura cética buscando empregabilidade, e a Geração Y caracteriza-se pela busca de desafios, flexibilidade e feedback imediato. As gerações anteriores muitas vezes percebem a Geração Y como imediatista, gerando conflitos que exigem novas estratégias de gestão. A pesquisa qualitativa permite ir além dos estereótipos, revelando que o "sentido do trabalho" é uma construção subjetiva influenciada pelo momento histórico em que cada coorte se inseriu no mercado produtivo.

Em síntese, o estudo das gerações através da pesquisa qualitativa revela-se um campo fértil e essencial para a compreensão das sociedades contemporâneas, as gerações não são gavetas cronológicas estáticas, mas construções sociais vivas, permeadas por memórias, silêncios, lutas e afetos. A pesquisa qualitativa, através de entrevistas sensíveis e bem fundamentadas, cumpre o papel de transformar a vivência individual em evidência científica sobre a estrutura e a mudança social,

compreendendo as gerações plenamente apenas quando se ouve a voz dos sujeitos que as compõem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, buscou-se demonstrar que a metodologia qualitativa, especialmente por meio das entrevistas em profundidade e das narrativas de vida, constitui um caminho privilegiado para compreender as gerações como fenômenos sociais historicamente construídos. Analisar o ensaio de Karl Mannheim (1952) permitiu reafirmar que as gerações não se reduzem à idade cronológica, mas se formam a partir de experiências compartilhadas, de acontecimentos marcantes e da forma como esses eventos são vividos, lembrados e reinterpretados ao longo do tempo.

A pesquisa qualitativa mostra-se fundamental justamente por possibilitar o acesso a essas dimensões da experiência que não se deixam apreender por indicadores numéricos, as entrevistas analisadas nos estudos revisados revelam como memórias, afetos, silêncios e narrativas pessoais expressam posições geracionais, conflitos e desigualdades que atravessam a vida social. Nesse sentido, compreender o tempo como experiência vivida, e não apenas como sucessão cronológica, torna-se essencial para analisar as dinâmicas geracionais contemporâneas. O diálogo com a obra “Evidências” de Howard Becker (2022) contribuiu para fortalecer a compreensão de que as evidências produzidas pela metodologia qualitativa não são menos válidas ou menos rigorosas, mas diferentes em sua natureza. As falas dos sujeitos, mesmo quando fragmentadas ou atravessadas por contradições, oferecem pistas fundamentais sobre processos sociais mais amplos e no campo dos estudos geracionais, essas evidências permitem compreender como diferentes grupos interpretam temas centrais como trabalho, tecnologia, envelhecimento, cuidado e políticas públicas.

Os estudos revisados ao longo do artigo evidenciam que a pesquisa qualitativa possibilita operacionalizar, de forma concreta, os conceitos propostos por Mannheim, como posição geracional, conexão geracional e unidade geracional. Seja no âmbito das relações familiares, do mercado de trabalho, das identidades LGBTQ+, das experiências de exclusão social ou dos contextos históricos não ocidentais, as entrevistas permitem captar como os sujeitos constroem sentidos sobre sua trajetória e sobre o lugar que ocupam em sua geração.

No que diz respeito ao envelhecimento, a abordagem geracional contribui para romper com visões homogêneas da velhice e para evidenciar as múltiplas experiências que compõem esse grupo social, e a invisibilização das pessoas idosas, os conflitos intergeracionais e as formas de violência e exclusão tornam-se mais compreensíveis quando analisados a partir das trajetórias de vida e das memórias acumuladas ao longo do tempo. Escutar essas narrativas significa reconhecer a velhice como parte ativa da vida social, e não como um estágio residual ou marginal.

Por fim, compreender as gerações a partir da metodologia qualitativa revela-se não apenas uma escolha metodológica, mas também uma opção epistemológica e ética, trata-se de reconhecer que a vida social é atravessada por diferentes tempos, experiências e desigualdades, que só podem ser apreendidos quando se dá espaço

à voz dos sujeitos. Assim, a metodologia qualitativa, ao operar como análise geracional, amplia a capacidade explicativa das ciências sociais e contribui para a construção de um conhecimento mais sensível, crítico e atento à complexidade das relações humanas.

PALAVRAS-CHAVE

Pessoa idosa; Pesquisa Qualitativa; Entrevistas; Karl Mannheim.

AGRADECIMENTOS

A presente pesquisa foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BECKER, Howard S. *Evidências da pesquisa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

COMAZZETTO, Letícia Reghelin et al. A Geração Y no Mercado de Trabalho: um Estudo Comparativo entre Gerações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 36, n. 1, p. 145-157, 2016.

FROST, David M. et al. The Qualitative Interview in Psychology and the Study of Social Change: Sexual Identity Development, Minority Stress, and Health in the Generations Study. *Qualitative Psychology*, v. 7, n. 3, p. 245-266, 2020.

ISOLA, Anna-Maria. Intergenerational Social Exclusion, Silences, and the Transformation of Agency: An Oral History Approach. *Social Inclusion*, v. 12, art. 7781, 2024.

KALACHE, Alexandre; VERAS, Renato. Envelhecimento populacional: um desafio global. *Revista de Saúde Pública*, v. 41, n. 2, p. 1-5, 2007.

SPOSITO, Marília (2009). **O Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**, Belo Hori-zonte: Argumentum.

MANNHEIM, Karl. **O problema das gerações**. In: MANNHEIM, Karl. *Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1952.

MOTTA, Alda Britto da. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. *Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, p. 225-250, 2010.

MOTTA, Alda Britto da; WELLER, Wivian. Apresentação: A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. *Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, p. 175-184, 2010.

TAMANZA, Giancarlo; GENNARI, Marialuisa. The Clinical Generational Interview. An instrument for family assessment. *Frontiers in Psychology*, v. 15, art. 1361028, 2024.

TING, Hiram et al. Are we Baby Boomers, Gen X and Gen Y? A qualitative inquiry into generation cohorts in Malaysia. *Kasetsart Journal of Social Sciences*, v. 39, p. 109-115, 2018.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, p. 205-224, 2010.

WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. *Sociologias*, ano 7, n. 13, p. 260-300, 2005.